

A lista de Schindler



Por **MARCOS DE QUEIROZ GRILLO***

Comentário sobre o livro de Thomas Keneally

1.

Romancista, dramaturgo e produtor, Thomas Keneally levou dois anos entrevistando 50 sobreviventes – *Schindlerjuden* (judeus Schindler) – em oito países: Austrália, Israel, Estados Unidos da América, Polônia, Alemanha Ocidental, Áustria, Argentina e Brasil. Baseado nesses depoimentos e nos testemunhos que se encontram na Seção de Lembrança de Mártires e Heróis do Museu Yad Vashem, em Jerusalém, ele realizou essa fabulosa recriação da história, narrada com a ênfase típica de uma ficção. Foi agraciado com o prêmio Booker, da Inglaterra.

Dentre os entrevistados o autor fez referência ao próprio Leopold Pfefferberg, ao juiz Mosh Bejski, da Suprema Corte de Israel, e Mieczyslaw Pemper – que além de transmitirem suas lembranças sobre o período, forneceram documentos que contribuíram para a exatidão da narrativa. Ainda constam da lista Emilie Schindler, Ludmila Pfefferberg, Sophia Stern, Helen Horowitz, Jonas Dresner, casal Henry Rosner, Leopold Rosner, Alex Rosner, Idek Schindel, Danuta Schindel, Regina Horowitz, Bronislawa Karakulska, Richard Horowitz, Shmuel Springmann, o falecido Jakob Sternberg, dentre muitos outros.

O livro fala da vida interrompida de milhares de judeus, que perdem suas identidades e não passam de carcaças esfomeadas marcadas com uma tatuagem numerada no antebraço. Eram apenas números, vidas insignificantes aos olhos nazistas e, como sempre dizia Himler, deveriam ser aniquiladas, para “o bem da Alemanha nazista”. Itzhak Stern, a Sra. Pfefferberg, Hanukkah, Danko, Genia, Menasha Levartov, entre tantos outros, viveram anos de medo, dor de perder seus parentes, fome, frio, humilhações e privações por parte dos nazistas. Se escaparam, foi por sorte de encontrar pessoas como Oscar, que se arriscavam por eles.

O livro foi adaptado para o cinema pela Universal Pictures, que produziu o filme intitulado *A lista de Schindler*, dirigido por Stephen Spielberg, que ganhou diversos Oscars e prêmios (melhor filme, melhor diretor, melhor música e trilha sonora, melhor fotografia, melhor edição, entre outros) tendo sido considerado um dos maiores sucessos cinematográficos pela Associação de Críticos de Nova Iorque e Los Angeles.

2.

a terra é redonda

Trata-se de texto literário que documenta uma história real vivenciada durante a 2ª Guerra Mundial, retratando o drama daquela época de holocausto, construída em cima de depoimentos dos *Schindlerjuden* (judeus Schindler) e evita ficar somente na esfera de um documentário biográfico sobre Oscar Schindler.

Holocausto é um substantivo masculino que significa o sacrifício, praticado pelos antigos hebreus, em que a vítima era inteiramente queimada. Seus sinônimos são imolação, sacrifício, massacre.

Durante a ocupação nazista de quase toda Europa, o termo “holocausto” passou a significar o [genocídio](#) organizado pelos alemães nazistas, principalmente de judeus, durante a [Segunda Guerra Mundial](#). Os judeus e qualquer outra minoria considerada inferior pelos nazistas eram sistemicamente agrupados, explorados até exaustão e, então, sumariamente executados. O Holocausto fez parte da “Solução Final”, um plano nazista que procurou eliminar os judeus da Europa, além de outras minorias, como ciganos, homossexuais e negros.

O livro apresenta duas realidades inteiramente díspares. De um lado, os judeus poloneses sendo violentados em suas vidas pelos nazistas (transferidos para *ghetos* e depois para campo de concentração, sem qualquer solidariedade de seus compatriotas poloneses). De outro, os nazistas vivendo e desfrutando de suas vidas com plena segurança e conforto.

Oscar Schindler, um empresário e lobista alemão, filiado ao Partido Nazista, consegue que alguns judeus ricos entreguem para ele o dinheiro que mantinham escondido. Eles se tornariam empregados “investidores” numa fábrica de utensílios (panelas). Receberiam, em troca, e a longo prazo, produtos que poderiam trocar no mercado negro, além de diminuir o risco de irem para a Câmara de Gás. Era isso ou nada.

Embora não compactuasse com a ideologia do partido, de ‘limpar’ a Alemanha dos ‘malditos judeus’, ele lucrava com sua fábrica de esmaltados, e contribuía com o Partido.

Oscar Schindler, além de empresário, era membro do Partido Nazista e muito bem relacionado nos círculos militares. Tendo conseguido capitalizar-se com o dinheiro dos judeus, faz lobby junto a nazistas poderosos, conquista contrato para fabricação de utensílios para o exército e é autorizado a utilizar mão-de-obra judia escrava. Tudo isso acontece na base da troca de favores e do toma lá dá cá. Schindler pagava comissões ao oficialato alemão pelo trabalho fabril de cada judeu empregado, o que para ele resultava ser mais barato do que a contratação de poloneses. Schindler era especialista em comprar favores de oficiais da SS e do exército alemão, tanto superiores como subalternos.

Em princípio Schindler utiliza mão-de-obra escrava judia dos guetos. Posteriormente, quando os guetos são desmontados e os judeus transferidos para o Campo de Concentração da Cracóvia, consegue continuar utilizando a mesma mão-de-obra. Aproveita-se da situação de pavor dos judeus, que se sentem mais protegidos com ele, e delega toda a operação da fábrica para o contador judeu Stern, de quem busca aproximação.

Schindler sempre defende seus empregados por ocasião das vistorias dos soldados alemães, quando havia o risco de serem presos ou mortos, fingindo não se importar com seus destinos, mas que seria de grande prejuízo para sua fábrica e para o país o desperdício de ‘mão-de-obra especializada’ já treinada naquela indústria.

Apesar do trabalho escravo, os judeus preferem trabalhar na fábrica de Schindler pois, assim, diminuem o risco de trabalhos forçados mais pesados ou, o que era pior, de serem enviados para a Câmara de Gás.

Fruto da relação de infância de Schindler com Amon Göet, oficial da SS e Chefe do Campo de Concentração, na Cracóvia, seus funcionários têm menos riscos do que os demais judeus de serem assassinados a esmo e a sangue frio, esporte preferido daquele assassino bipolar. Ainda assim, algumas vezes isso acontece.

Com a produção de panelas com baixo custo de mão-de-obra para atender os contratos conquistados com o exército, Schindler acumula um patrimônio significativo, que o permite levar uma vida nababesca e pautada por orgias. Vive longe

de sua mulher e tem várias amantes, sendo considerado uma pessoa de atração irresistível pela sua elegância, educação e charme.

Contudo, sua produção industrial não teria sido possível sem o concurso do contador Stern, que é a pessoa que, de fato, toca a fábrica e lidera as pessoas que lá trabalham, todas irmanadas pelo espírito de sobrevivência.

3.

Com o avanço das forças aliadas e o recuo dos nazistas, o Reich decide fechar Campos de Concentração e acelerar a exterminação em massa dos judeus. Inicialmente, começam a incinerar os judeus mortos na própria Cracóvia. Posteriormente, passam a enviar diariamente 60 mil seres humanos aos fornos de Auschwitz. No período de 1939 a 1945, foram assassinados 6 milhões de judeus espalhados pelos vários campos de extermínio nos países europeus dominados pelo III Reich.

Gradativamente, Schindler se apegava mais ao contador Stern e aos seus demais funcionários judeus, a quem, anteriormente, considerava como meras peças de sua propriedade. Do ponto de vista pessoal, Schindler experimenta uma mudança na sua percepção de mundo e de vida, tornando-se mais humanista.

Ao constatar que o Campo de Concentração da Cracóvia, na Polônia, está em vias de ser desmobilizado e do desinteresse do exército na continuidade da compra de utensílios, Schindler conquista, junto ao exército alemão, um novo contrato, desta vez, para a produção de munição. Essa decisão fez parte de sua ideia de salvar seus funcionários da exterminação nas Câmaras de Gás de Auschwitz.

Investe quase todo seu patrimônio na compra de 1.200 judeus pagando o preço negociado com Amon Göet, oficial da SS e Chefe do Campo de Concentração da Cracóvia e obtém autorização para transferi-los para um novo Campo de Concentração, em Zwittau - Brinnlitz, na antiga Tchecoslováquia (sua cidade natal dos tempos do Império austro-húngaro), onde inicia a produção de munição, em nova fábrica.

Constrói às pressas, com o contador Stern, a lista dos judeus, para cujo preço total dispunha de recursos próprios suficientes.

Por ocasião da transferência deles, os homens e as mulheres são enviados em trens separados. Inadvertidamente, o trem das mulheres segue para Auschwitz. Schindler vai pessoalmente negociar com o oficial nazista a devolução das mulheres, negócio que foi pago em diamantes. Novo êxito logrado por um Oscar Schindler diferente, mais humanizado e já comprometido a salvar vidas.

Durante todos esses anos Schindler enfrenta grandes obstáculos nas suas negociações com seus pares nazistas, no perigoso jogo de gato e mouse, na tentativa de convencimento de oficiais sobre os quais não tem influência, correndo o risco de ser preso; uma verdadeira luta pela sobrevivência, de início, pensando no seu negócio e, depois, somente em proteger seus funcionários.

Schindler continua a proteger as vidas de seus trabalhadores evitando fuzilamentos sumários que eram impetrados com a maior normalidade pelos nazistas.

As munições produzidas por eles não passavam pelo controle de qualidade do exército e, por essa razão, Schindler passa a

a terra é redonda

comprar com seu próprio dinheiro munições no mercado paralelo para honrar seu contrato com o exército alemão.

Reconquista a sua mulher e deixa de lado suas amantes e as orgias. A fábrica funciona aos trancos e barrancos até a rendição da Alemanha, em 1945.

Com a rendição da Alemanha, a ordem superior era de fuzilarem todos os judeus. Schindler convence os alemães que controlam o Campo de Concentração a não fuzilarem os judeus trabalhadores de sua fábrica, em desobediência às ordens do Reich. Em virtude do avanço das tropas soviéticas e dos pedidos de Schindler, os alemães abandonam o Campo, sem matar os judeus.

Schindler, amargurado por não ter podido salvar mais pessoas, despede-se dos seus empregados ocasião em que recebe uma carta explicativa de suas peripécias humanistas, assinada por todos eles. Na despedida também recebe um anel, feito com ouro extraído de um dente de um dos judeus, que aceitou dá-lo voluntariamente, com a seguinte inscrição do Talmud: “Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro”.

Na convivência com seus empregados judeus Schindler evolui como pessoa e esforça-se para parar a roda do holocausto. Schindler foge da Tchecoslováquia com sua mulher Emilie, ambos trajando uniformes de judeu.

Ocorre a ocupação da Tchecoslováquia pelo exército soviético. Os judeus são liberados para seguirem seus caminhos, sendo desaconselhados a retornarem à Polônia.

Schindler enfrenta muitas dificuldades para escapar, lidando com americanos, franceses e suíços. Nesse processo, suas últimas posses são confiscadas. Finalmente, na França, quando consegue provar sua inocência, sua mulher e ele não tinham nada mais do que a roupa do corpo. Mas, tinham a proteção dos *Schindlerjuden*, que eram agora sua família. Vão viver por um tempo em Munique, na Alemanha, e decidem, depois, cruzar o Atlântico para morar na Argentina. Foram com ele uma dúzia de judeus amigos.

Em 1949 fizeram-lhe um pagamento ex gratia de US\$ 15.000 e deram-lhe uma referência (“A Quem Possa Interessar”) assinada por M.W. Beckelman, vice-presidente do Conselho Executivo da organização: “O Comitê Americano da Junta de Distribuição investigou minuciosamente as atividades do Sr. Schindler no período da guerra e da ocupação... A nossa recomendação irrestrita é que as organizações e pessoas, a quem o Sr. Schindler possa procurar, façam todo o possível para ajudá-lo, em reconhecimento pelos seus eminentes serviços...”

Sob o pretexto de administrar uma fábrica nazista de trabalhos forçados, primeiro na Polônia e depois na Tchecoslováquia, o Sr. Schindler conseguiu recrutar como seus empregados e proteger judeus e judias destinados a morrer em Auschwitz e em outros infames campos de concentração... Testemunhas relataram ao nosso Comitê que o “campo de Schindler em Brinnlitz era o único, nos territórios ocupados pelos nazistas, em que nunca foi morto um judeu, ou mesmo espancado, mas, ao contrário, sempre tratado como um ser humano.”

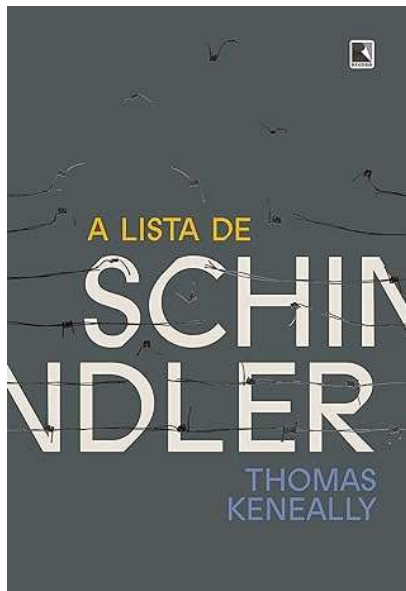
Agora, quando ele vai iniciar uma nova vida, devemos ajudá-lo, como ele ajudou os nossos irmãos.

Durante dez anos dedicou-se à produção rural, mas terminou falindo. Talvez, como comentavam alguns, porque não tivesse um Stern para ajudá-lo. Retornou à Alemanha. Sua mulher Emilie permanece na Argentina. Vai viver em Frankfurt onde funda uma fábrica de cimento, que também não tem êxito. Todos os anos é convidado para visitar Israel para homenagens. Entrevistas em Israel, republicadas na Alemanha, não lhe ajudam em nada. Em Frankfurt é vaiado, insultado e apedrejado.

Os *Schindlerjuden* continuam mantendo-o sob proteção moral e financeira. Schindler morre em 9 de outubro de 1974. Em atenção ao seu desejo, é enterrado em cemitério católico de Jerusalém.

***Marcos de Queiroz Grillo é economista e mestre em administração pela UFRJ.**

Referência



Thomas Keneally. *A lista de Schindler*. Tradução: Tati Moraes. Rio de Janeiro, Record, 2021, 424 págs.
[<https://amzn.to/41aujtS>]

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

[CONTRIBUA](#)

<https://amzn.to/41aujtS>